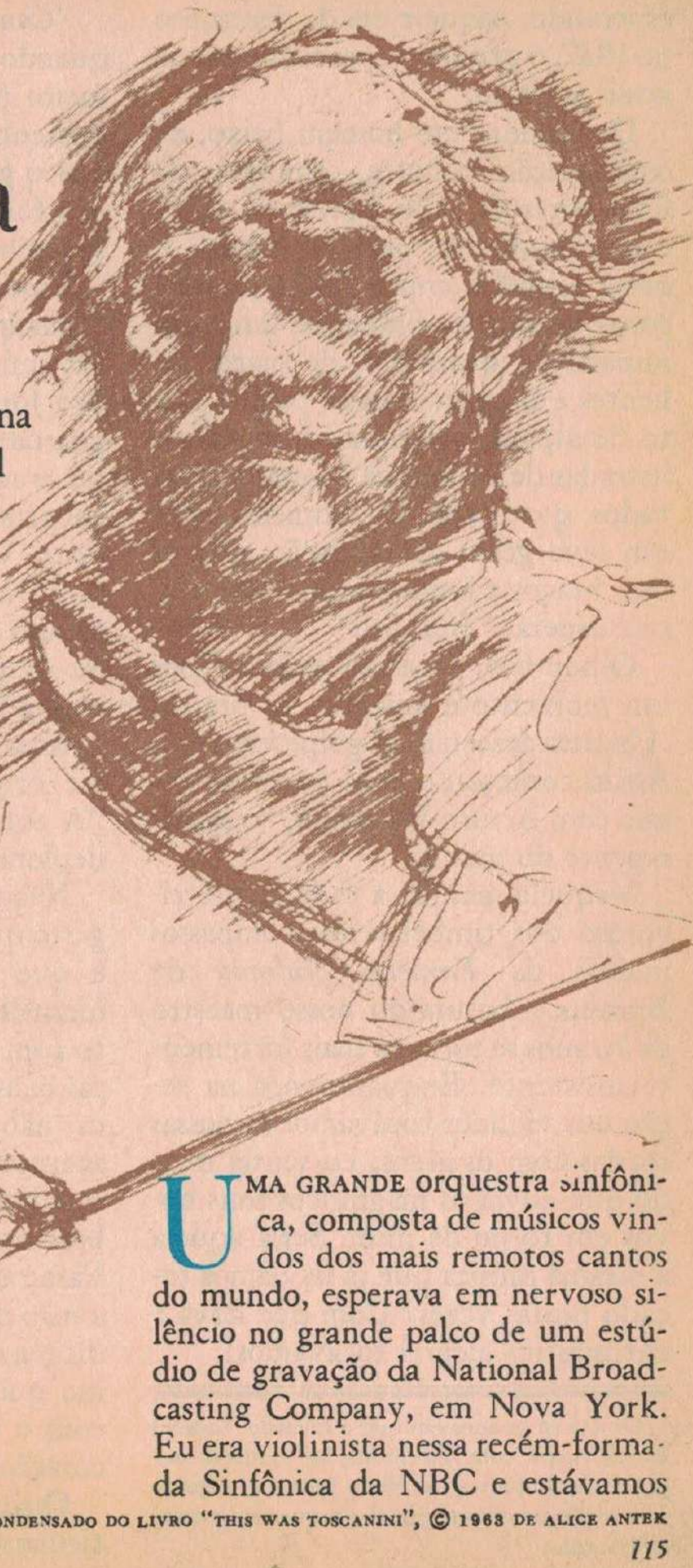


Assim Era Toscanini

Era uma
mistura quase incrível
de santo e demônio —
mas tocar sob a regên-
cia do “maior
maestro do mun-
do” era um acon-
tecimento épico



UMA GRANDE orquestra sinfôni-
ca, composta de músicos vin-
dos dos mais remotos cantos
do mundo, esperava em nervoso si-
lêncio no grande palco de um estú-
dio de gravação da National Broad-
casting Company, em Nova York.
Eu era violinista nessa recém-forma-
da Sinfônica da NBC e estávamos

esperando, naquele dia de dezembro de 1937, o primeiro aparecimento do nosso maestro.

De repente um homem baixo, de constituição robusta, emergiu de uma porta do lado direito do palco e encaminhou-se para o estrado. A nossa primeira impressão foi de uma coroa de cabelos brancos e um rosto impassível, quadrado, de maçãs salientes e bigode. Usava paletó preto de alpaca, colarinho duro, calças listradas de cerimônia e sapatos pontudos que pareciam chinelos. Fêz um leve gesto de saudação com os dois braços e bradou numa voz rouca e áspera: "Brahms!"

Olhou-nos penetrantemente por um momento e levantou os braços. A batuta desceu num golpe violento. Assim começou o meu primeiro ensaio com Arturo Toscanini, "o maior regente do mundo".

Naquela manhã, a cada toque vigoroso dos timbales nos compassos iniciais da *Primeira Sinfonia* de Brahms, a batuta do nosso maestro de 70 anos se tornava mais fortemente insistente. Enquanto nós na seção dos violinos tocávamos as nossas cordas com os arcos, eu sentia mais do que ouvia os magníficos sons novos em tórno de mim. Seria aquela a mesma música que já havíamos tocado tantas vezes? Com que nova e entusiástica alegria tocávamos!

DURANTE OS ANOS em que o falecido Samuel Antek tocou com Toscanini, foi também regente da Sinfônica de Nova Jersey e regente convidado de muitas grandes orquestras norte-americanas.

"*Cantate! Sostenete!*", gritou êle quando a música atingiu o seu primeiro ponto culminante. "Cantem! Sustenham!" Foi essa a primeira vez que o grito de batalha de Toscanini nos foi lançado e, durante 17 anos, vivemos sob essas palavras.

Toscanini dizia com freqüência: "Qualquer *asino* pode reger, mas fazer música é *difficile*." Era sempre São Jorge em luta com o dragão de guarda ao tesouro musical. Era enorme o sentimento de interêsse e descoberta que cada ensaio gerava quando o "Velho" encontrava numa obra muito conhecida uma nota, um acento, um matiz até então despercebido ou desprezado pela rotina ou pela negligência. Sob a sua batuta, peças batidas e gastas recuperavam o lustre original e voltavam a brilhar. "A rotina é a morte da música!", deplorava Toscanini.

Não me lembro de vê-lo fazer um gesto que fôsse puramente mecânico e que não estivesse estreitamente identificado no tom ou no movimento com a expressão da frase musical, tal como êle a sentia. Regia a música, não a orquestra. Para um efeito acentuadamente em surdina, levava o indicador da mão esquerda aos lábios como se dissesse: "Psiu! Psiu!" Para maior expressividade, colocava a mão esquerda sôbre o coração e indicava um movimento ondulante como que tocando um amplo *vibrato* com o violoncelo. "Toquem com o coração, não com o instrumento!"

Quando a música se tornava particularmente pungente, como no fim

O Incrível Maestro

QUANDO se procurava organizar a Sinfônica da NBC, o presidente desta, David Sarnoff, deu uma diretriz: "Não contratem músicos das orquestras já existentes, pois isso só serviria para enfraquecer as outras." As pessoas encarregadas, tendo à frente Arthur Rodzinski, que era também excelente regente, conseguiram reunir uma soberba orquestra—com uma exceção, o primeiro clarinetista.

Na ocasião em que Toscanini estava para chegar da Itália a fim de assumir a direção da orquestra, perguntou-se a Sarnoff como se deveria resolver o problema. Deixar Toscanini tomar conhecimento d'êle por si mesmo, ou falar-lhe com franqueza? "Vamos ser francos", disse Sarnoff. "Você então é quem vai falar com êle", disseram os seus companheiros. Uma delegação foi então esperar o navio.

Toscanini cumprimentou Sarnoff no seu camarote e disse: "Organizaram uma ótima orquestra. Muito boa, tirando o primeiro clarinetista." Sarnoff ficou desconcertado. "Como foi que descobriu isso, maestro?", perguntou êle. "Ouvi a orquestra num ràdiozinho de ondas curtas em Milão e percebi", disse Toscanini. Sim, êle podia perceber tudo num ràdiozinho em Milão.

"Vamos para os estúdios", disse Toscanini. A orquestra estava ensaiando ali e um camarim especial o esperava. Êle mandou chamar o clarinetista, que chegou num estado de espírito que bem se pode imaginar. Toscanini disse-lhe: "Você é um bom tocador de clarinete, mas erra em algumas coisas." Começou então a trabalhar com êle. O resultado foi que o clarinetista ficou na orquestra durante 17 anos e se tornou um dos melhores do mundo.

—George R. Marek, Vice-Presidente da Seção de Discos da RCA Victor

da Marcha Fúnebre da *Eroica*, de Beethoven, êle se abaixava um pouco, inclinava-se para nós e fazia com a batuta a mais tênue sugestão de um ritmo exato, mas fluido. "Chorar . . . chorar!"

Toscanini nunca dizia as coisas com frieza. As suas frases eram cheias de emoção e expressividade dramática. Sentia-se que todos os elementos da orquestra levavam ao máximo todos os fragmentos de técnica para

alcançar o som e o sentimento que o maestro queria. Sempre que tocávamos com êle, o som que emergia era tão diferente do que havíamos tocado antes como o minério original é diferente do ouro refinado. Fazíamos sinais uns para os outros, radiantes de satisfação e quase incrédulos.

Havia dois Toscanini: o regente de ensaios e o regente de concertos. Nos ensaios êle gritava, berrava, can-

tava. Nos concertos parecia congelar-se. Eu tinha muitas vezes a impressão de que êle gostaria de ser invisível para não interpor-se entre a platéia e a música. Nunca sorria durante um concêrto. Às vezes, se determinado trecho se desagregava, abanava a cabeça como se dissesse: "Bem, falhamos!"

Em outras ocasiões, se um executante ou uma seção fazia alguma coisa especialmente desagradável, balançava sinistramente a cabeça, como que dizendo: "Espere até eu pôr as mãos em você!" E se um músico fazia uma entrada errada ou tocava indiferentemente (ao menos na opinião de Toscanini), êle ohegava a sacudir o punho fechado na direção do infeliz.

Nenhum maestro aceitou com maior relutância o aplauso da platéia ou da orquestra. Muitas vezes, durante os ensaios, os homens da orquestra prorrompiam espontaneamente em aplausos quando determinada frase resplandecia com brilho fora do comum. Toscanini nunca aceitava os cumprimentos: "Não! Não sou eu!", exclamava quase zangado. "Isso está na música, aí bem diante dos seus olhos!"

Poucos maestros—talvez nenhum—conheciam as partituras como Toscanini, ou se aproximavam sequer do seu gênio para pôr a nu a carne e os ossos dos esforços de uma orquestra. Ia com o dedo infalivelmente no ponto e na maneira em que uma passagem fôra mal executada. "Sabem", dizia êle, parando súbitamente, "es-

tão tocando . . . eu ouço alguma coisa . . . mas não é nada . . . é um grande *pasticcio* (confusão). Vamos, vamos estudar." Cada linha era repassada separadamente. Quando se juntavam tôdas, o equilíbrio era tão delicado, ajustado e sensível que cada nota falava. "Tudo é tão claro que eu o posso pegar!"

Uma das qualidades mais enigmáticas de Toscanini era a sua quase incrível mistura de santo e de demônio. Quando ficava no estrado durante os ensaios, parecia a encarnação de um venerável santo. O rosto se transfigurava com uma luz espiritual quando trabalhava sôbre uma passagem de superior beleza. E de repente o santo fugia como um raio e o demônio zurzia a orquestra numa linguagem comparável à de um estivador.

Toscanini tinha uma praga italiana favorita que empregava sem haver necessidade de grande provocação. Proferia-a com prazer especial contra outro italiano, dizendo: "Você é italiano. Ótimo! Não preciso explicar!" Uma vez, porém, quando começou a pronunciar o epíteto, conteve-se e cobriu a bôca com a mão. Havia senhoras na sala. Fêz uma careta, olhou para o músico e disse "*Ahhh!* Você sabe de que é que eu quero chamá-lo, mas . . ."

O ensaio continuou até que o êrro foi repetido. Aí Toscanini gritou: "*Zuccone!* Procurei dominar-me, mas você não deixou. Você é um . . .!" E o nome explodiu em tôda a sua glória. Olhou triunfante para o mú-

sico. Um instante depois readquiriu o seu ar angélico. Se qualquer outro maestro falasse com uma orquestra como Toscanini falava, seria denunciado ao sindicato dos músicos por “mau procedimento”!

Em 1950 a Sinfônica da NBC saiu em excursão pelos Estados Unidos. Vimos grandes montanhas coroadas de neve, vastos desertos e cidades empolgantes. Mas à medida que a excursão prosseguia, compreendíamos que a maior de tôdas as maravilhas ia no trem conosco—o nosso incrível maestro de 83 anos de idade. A sua animação e o seu entusiasmo nos assombravam a todos. Uma vez, em Sun Valley, no Estado de Idaho, encontrei-o às 10 horas da manhã estendido ao comprido no gramado do hotel, bebendo champanha num brinde às belas montanhas!

Em Atlanta, Geórgia, um episódio demonstrou a sua atitude quase mística em relação à música. Quando entramos naquela manhã no grande auditório, fomos recebidos ao som de marteladas. No centro do auditório os operários estavam levantando um ringue para as lutas de boxe que ali se iam realizar naquela noite. O

nosso concêrto seria na noite seguinte. Todo barulho cessou quando Toscanini chegou ao estrado e durante o breve ensaio. Mas quando Toscanini desceu do estrado, os operários reapareceram e um capataz passou pelo maestro de chapéu na cabeça. Toscanini parou de repente.

Com a ponta da batuta derrubou o chapéu do capataz. “Ignorante! Tire o chapéu! Isto aqui é uma igreja!” O homem, atordoado de espanto, correu os olhos pelo ringue de boxe e contemplou o Velho, tomado de perplexo terror. “Sim, ignorante!”, continuou o Velho. “O lugar onde há música é uma igreja! Tire o chapéu, estúpido!”

Como regente, Toscanini era um colosso que dominava o horizonte musical. Para mim, o seu maior gênio era a sua capacidade de transformar a execução da música num acontecimento épico. Os que tivemos a honra de tocar com êle até que a Sinfônica da NBC foi dissolvida, em 1954, sentimos que havíamos passado por uma regeneração espiritual. Executar música se tornara a mais nobre das profissões e aspirações. Foi êsse o milagre de Toscanini.



O PSIQUIATRA do pôsto há pouco telefonou-me para dizer que estava tratando de um dos meus soldados, e queria avisar-me de que o homem possuía um profundo “desejo de morte” psicológico.

—Bem, doutor—observei—não temos todos nós um pouco dêsse negócio de autodestruição dentro de nós?

—Sim—respondeu êle.—Mas o desejo de morte *dêle* é para o sargento!

—T. G. A.